



V SEMANA DO CONHECIMENTO

**CONSTRUINDO CONHECIMENTOS
PARA A REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES**

1 A 5 DE OUTUBRO DE 2018



Marque a opção do tipo de trabalho que está inscrevendo:

Resumo

Relato de Caso

VIVÊNCIA NO BATUQUE: FESTA DE 18 ANOS DE BACIA DE UMA YALORIXÁ NA NAÇÃO CABINDA

AUTOR PRINCIPAL: Ingra Costa e Silva

CO-AUTORES: -

ORIENTADOR: Ivan Penteado Dourado

UNIVERSIDADE: Universidade de Passo Fundo

INTRODUÇÃO

O batuque é uma expressão genérica para tratar religiões de origem afro que cultuam os orixás. O presente relato busca, através da metodologia etnográfica envolvendo a técnica de observação participante, trazer ao leitor parte do que acontece em um ritual de 18 anos de bacia de uma Yalorixá da Nação Cabinda. A mistura de cores, de gostos, de sons e de cheiros faz com que a festa do batuque se torne, além de um espaço para ampla observação de um antropólogo, um lugar que desperta e trabalha o imaginário ao unir todas essas sensações sensoriais com o misticismo e a atmosfera ligada ao mágico que aguça a interesse do observador. Poucas conclusões podem ser tiradas de uma observação participante de cerca de 12 horas em um espaço tão rico significados e com séculos de saberes passados através da oralidade. Mas haveria conclusão melhor que a própria participação e as sensações que proporciona?

DESENVOLVIMENTO:

Dentre os apontamentos perceptíveis nesta vivência longa no que diz respeito à duração de um ritual, mas curta para grandes reflexões e conclusões antropológicas, um dos elementos de maior evidência é a dedicação dos filhos de santo na realização da festa. Cuidados na decoração, no servimento dos pratos, no momento dos tambores começarem ou cessarem, os filhos da Mãe Marlene estiveram presentes, do início ao fim da minha observação participante, como coprotagonistas do Batuque de comemoração aos 18 anos de bacia da Yalorixá. É como se fossem prestativos



V SEMANA DO CONHECIMENTO

**CONSTRUINDO CONHECIMENTOS
PARA A REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES**

1 A 5 DE OUTUBRO DE 2018



facilitadores, mas com uma dedicação ímpar, que reforça o que as leituras sobre religiões afro apontam em sua maioria da ideia e sentimento de família entre os membros de uma casa. A abundância de alimentos também é nítida para quem, assim como eu, participou pela primeira vez de um ritual de comemoração no Batuque. Não encontrei referências que apontassem que a duração de rituais como este, que entre Mesa de Ibêjis e festa se estendeu por cerca de doze horas, justifiquem a grande quantidade de pratos e doces oferecidos durante o cerimonial. Por sua vez, acredito que se essa fosse uma das justificativas seria de fácil compreensão, além de ser coerente, uma vez que enquanto os convidados saboreiam os quitutes oferecidos, podem socializar com os demais “batuqueiros”, de outras casas e espaços, fortalecendo assim a troca de experiências e contato entre os pares. A mistura de cores, de sons e de cheiros faz com que a festa do batuque se torne, além de um espaço para ampla observação de um antropólogo, um lugar que desperta e trabalha ao imaginário ao unir todas essas sensações sensoriais com o misticismo e a atmosfera ligada ao mágico que aguça a interesse do observador. Se para CUCHE (1996, p. 176) “A identidade remete a uma forma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas,” depois desta pequena inserção no meio me sinto subsidiada para de maneira rasa concluir que os indivíduos batuqueiros se reconhecem na identidade construída através dos elementos do batuque. Não somente os elementos diretamente ligados aos rituais, como elementos incorporados ao dia-a-dia e vida fora do terreiro, transpassando para a comunidade com a qual convive referências claras da sua identidade. Por ser uma religião transmitida e ensinada através da oralidade, somente através de uma observação participante por um maior período seria possível ter maior compreensão sobre a grandiosidade e simbologia de cada gesto envolvido nas diversas partes que compõe o ritual, que começa dias antes do batuque acontecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao final da celebração, mesmo declarando cansaço e exaustão física, as manifestações por parte dos filhos de santo eram carregadas de leveza e satisfação. A essência de comunidade refletiu, inclusive, no momento de cada um seguir para a sua casa. Caronas foram trocadas entre filhos de santo e entre pessoas que nunca se viram mas tinham uma coisa em comum: a busca pelo axé.

REFERÊNCIAS

CUCHE, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. Bauru, São Paulo. EDUSC. 1999.

NÚMERO DA APROVAÇÃO CEP OU CEUA (para trabalhos de pesquisa): -

V SEMANA DO CONHECIMENTO

**CONSTRUINDO CONHECIMENTOS
PARA A REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES**

1 A 5 DE OUTUBRO DE 2018



ANEXOS

